



# Cantochão... eleitoral



Estão á bica as eleições geraes.

O velho cantochão do Constitucionalismo, em que o Sr. Hintze é mestre de Capella, vae ser entoado, com todo o ceremonial liturgico, desde Melgaço até ao Cabo de Santa Maria.

Interessados e indifferentes, creaturas de todas as côres politicas, incluindo o Sr. Elvino de Brito (que, incontestavelmente, é um politico de côr) o partidario sangrento dos inexoraveis que lyncham por um voto, o septicimo galante dos pavões decadentes que poem uma ambição como os heroes de Barbey d'Aurevilly punham os alfinetes da gravata, toda essa multidão politica se levantará, d'aqui a quatro dias, como uma creatura unica, na expectativa ansiosa de quem joga a banca franceza, — com licença do Sr. Presidente do Conselho.

Os circulos plurinominaes, augmentando o numero de deputados, dêram logar a que o Sr. Hintze fizesse *francezas*, — o que á primeira vista parece contradictorio, pelo horror que Sua Ex.<sup>a</sup> profêssa por tudo quanto é *Franco*.

D'ahi, a vinda de muitos deputados novos na legislatura actual, o que significa uma poderosa aquisição de *triples* para o cantochão gregoriano de S. Bento.

O mysterio dos nomes está em grande parte desfeito. Falta o mysterio dos resultados.

As Arcadas pombalinas animam-se. Discutem-se triumphos luminosos e derrocadas sangrentas.

O Sr. Hintze, em plena regedoria, está a pedir as tairocas, o varapan, e o sombreiro braguez dos velhos burgos pôdres. E a *jozêlucianisação* *systematica* nos processos politicos. Regedoria em pleno accordo progressista, com o ante-goso supremo da derrota franceza.

Os impacientes acotovêlam-se na arca do Ministerio do Reino, interrogando com o olhar, farejando, espiolhando, disentindo circulos, influencias, probabilidades, surpresas...

Os boatos sobre o pari to e a sua coincidência com o periodo eleitoral, provocam sorrisinhos amarellos e cotovelladas ironicas. O nome do Sr. Marianno de Carvalho anda de bocca em bocca, — quasi como as beatas de Sua Excellencia. Mas já não admira que todos sejam *pares*, n'uma camara onde os Jacinthos são... *nuns*.

Resolvem-se charadas politicas, d'uma importancia capital.



Duas francezas que passam, de grandes laços vermelho- nos chapéus e bandós á *Cléo de Merode*, mostrando uns sapatinhos agudos de fivêla d'oiro, desviam a conversa para o Sr. Ressano Garcia.

- Elle sempre vae á Camara? — pergunta uma.
- Quê? O Ressano...? Creio que sim.
- Mas por que circulo...?
- Necessariamente, por um circulo... vicioso!



As francezas deslizam, a discutir as notas falsas de cinco mil réis, e como em materia politica são *hintzacias* da gemma, confessam preferir receber em notas de cinco mil réis falsas, a receber em... *francos*.

Entretanto, com a aproximação do dia 6, a avidez constitucional vae crescendo, e o cantochão promette ser um verdadeiro cantochão de capella real, porque pela primeira vez chantre Hintze e Chantre José Luciano cantam em afinção.

Quem naturalissimamente dasafina no meio de toda esta cantoria liturgica, é o leigo João Franco, cuja politica nervosa, sendo talvez uma politica de S. Vito, não foi, de forma alguma, uma politica... de S. Bento.

Resta lhe agarrar-se ao circulo de Tábua, que, n'estas alturas da lucta eleitoral, é uma verdadeira *tábua*... de salvação.

E ainda vae com muita sorte, porque, de ordinario, os delirios do grandezas não param em Tábua: mudam d'accento e ficam por... *tabúa*.

THYRSO.



BORALLO PINHEIRO

## FALAR BEM E ESCREVER PEOR

1

Escreve-me João Franco, do Alcaide, perguntando-me se Hintze se escreve com ou sem H. Eu lhe digo.

Hintze é forma manifestamente barbara wolkart do verbo intezar, que os latinos escreviam sem H, por motivos que o amigo Franco não terá a franqueza de me perguntar.

Hintze na primitiva foi *intéze*. O nobre presidente do conselho assim era conhecido porque dava muita sorte quando lhe disiam:

—Oh, Ernesto, *intéze* esse corpo!



E elle tanto se intezou, que ficou impertigidíssimo e adoptou a alcunha, aristocradizando-a com H e carregando na primeira.

C. de F.

## SYMBOLISMO

Ter graça como o sr. Marianno de Carvalho, não é coisa que succeda a todos os mortaes. D'ahi o registarmos uma do illustre maganão, que so lembraria so sr. Marianno ou so Diabo.

Vem a ser que o Snr. Marianno inseria ha dias n'um seu artigo este *quadro*:



Toda a gente ficou intrigado com o caso e um jornal declarou não saber a significação da coisa.

Logo o sr. Marianno respondeu que era um quadro symbolista, n'estes termos:

«A pintura e o desenho symbolicos tem por objectivo principal desenvolver os poderes da imaginação, deduzindo-se do pouco que se vê o muito que se quer representar. Assim aquelle quadro em que 6 mulheres á porta d'uma igreja representavam as 11 mil virgens era symbolico, porque das 6 havia de deduzir-se que das 10:994 virgens uma: estavam ainda na igreja e as restantes já se tinham ido embora. Assim um porco com o seu rabinho muito retorcido representa um porco alegre; outro com o seu rabinho cahido significa um porco triste. Ora o nosso quadro representa manifestamente em symbolico um cego e o seu cão, porque lá estão o páu do cego e a corda do cão. Salta aos olhos mais profanos em esthetica.»

Quanto mais velho, mais gaitero. Está-he na massa do sangue, divino Mestre!



## mjudezas

Babando-se de admiração por um boi que o José Bento mandou ir para o Pará, o qual boi permite que lhe cocem a cabeça, se escarranchem n'elle e ainda outras coisas amenas, um collega nosso exclama:

«Que differença entre este toiro e os toiros dos nossos avós!»



Não pretendemos bulir nos galhos da arvore genealogica dos outros, tanto mais que não estamos para ser colhidos... em flagrante delicto.

Mas palavra de honra que dá vontade de bater palmas ao passado e gritar:

—Eh avô! aqui, valente!

Ora vão-se com esta que não vão mal, seus ginjas:

Um rico negociante da Baixa tem uma filha, coisa que succeda a muita gente boa, mas em condições que não concorrem nas filhas de muitissima gente boa: e vem a ser que a serigaita não é nada má.

A esta creança loira succedeu um desastre, dos tres que não podemos explicar por meio do desenho. Tal foi elle que a alludida seresma foi ter com o auctor dos seus dias, garganteando chorosa:

Ai, ai, oh pae!

Quem escorrega tambem cae!

Ai, ai, oh pae!

Que esta nodosa

Nem com benzina sae!

O pae poz-se a coçar na cabeça —por affindade. E matutou d'ede logo em casar a filha, tira-no-foas em que toda a gente pensa em taes casos espicolondrificos.

E resolveu appellar para o gallego da casa.

—Ramon, já pensaste em casar?

—Num xe paxa uma noite que num matute n'ixo.

—Bem. Queres a minha filha?

—Xe quero? Non, que elle é barro!

—Pois é. E é por o barro ser fragil...

Tu comprehendes...

—Lá ixo num comprehendo!

—Olha, que não te quero enganar: a minha filha não está pura.

—E mesmo que estubex, num faxia du-bida, patron!

Ora hão-de concordar que o boi do avô d'este tambem devia ser uma fera.



Por que o Snr. Antonio Centeno se poz na ultima legislatura por Evora e agora se propõe por Monte-Mór, um correspondente aientejano entendeu dever chamar a S. Ex.<sup>a</sup> polyglota.

Mas logo acudiu o Snr. Marianno de Carvalho, dizendo não se admirar de tal porque a elle Marianno já tinham chamado acquista.

Não se vá sem resposta. No outro dia o Snr. dr. Fernando meus irmãos que o trabalho, chamou ás hespanholas que se matrimoniaram hermaphroditas. E a nós entendeu um cabeça de burro chamar-nos consagrado, e outrosim assobio... a uma chave do trinco.



— O cavalheiro faz-me um favor?

— ?

— E' ser minha testemunha.

— N'uma questão de honra?

— Não, n'uma questão de dinheiro. N'um casamento!

Logares selectos do jornalismo contemporaneo:

Um collega do *Popular* conta que indo ha dias, isto é ha noites para casa, viu a meio da calçada da Gloria um clarão, que lhe pareceu ser a aurora boreal. E logo explica que veiu a averiguar que era um dos ascensores incendiados.

Já ficam prevenidas as pessoas que nunca viram o phenomeno e queiram d'elle fazer idéia bem exacta. E' deitar fogo a um maximbombo. A illusão é completa.

Este homem se não estivesse ha muito na Academia, devia agora entrar para tal gremio. Secção de Sciencias, já se sabe. Astronomo como uma vaca hespanhola!

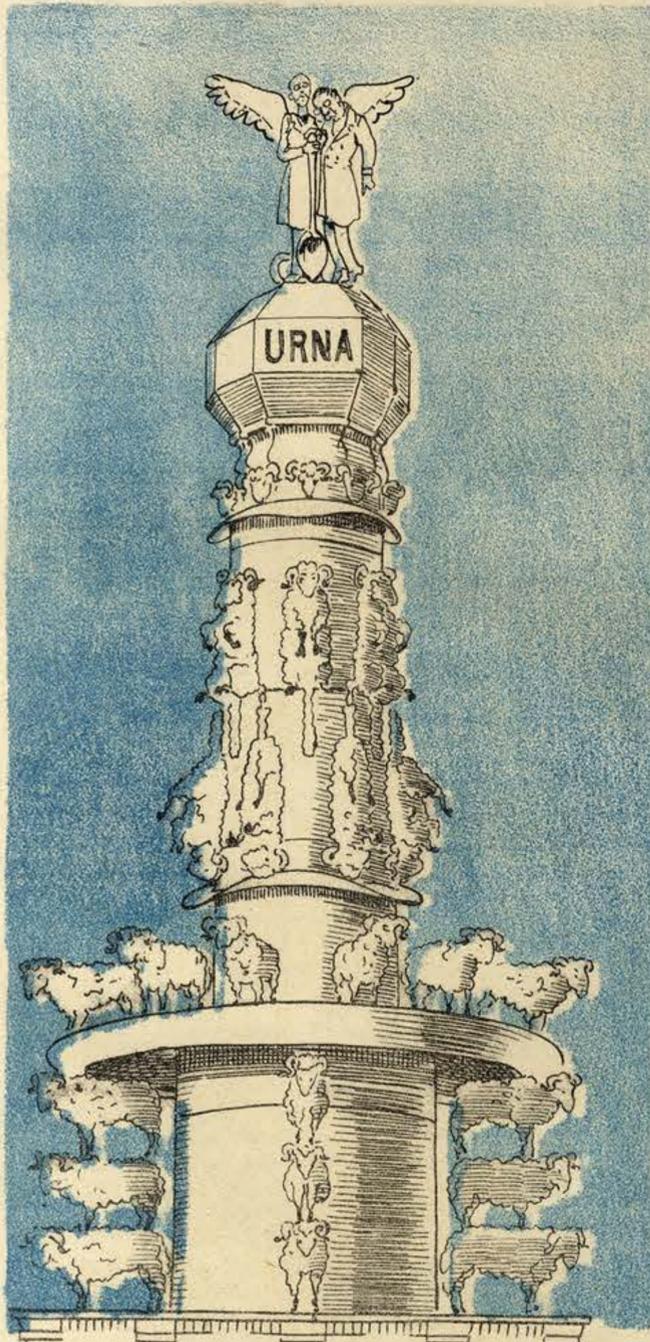
## BIBLIOGRAPHIA

Temos a honra de communicar ás nossas gentis leitoras, para os fins convenientes, que Arnaldo José Soares, da praça do Porto, acaba de pôr á venda um riquissimo romance, *Amor de Outomno*, muito proprio para quem faz manobras n'esta epoca do anno, com ou sem bivaque.

Aqui onde nos não veem somos a declarar que estamos experimentando ha 8 dias, esperando a todo o momento o pombo-correio que nos venha annunciar que o inimigo se rende...



MONUMENTO ELEITORAL

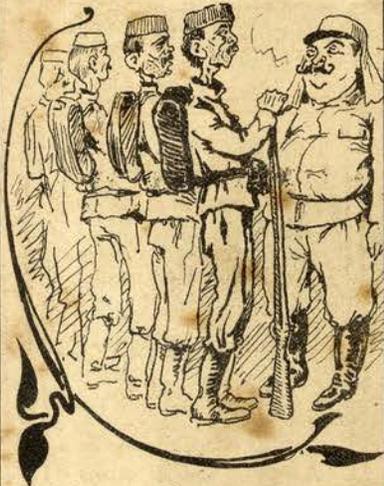


O que deve substituir o monumento da Liberdade.



— Como ha de ser isto, agora...? Pedem-me a lua, e se eu não lhes dou a lua, votam no João Franco! Que espiga!

Afinal de contas, illustrissimos senhores, as manobras d'outono, se não serviram para mostrar a resistencia das pernas, serviram pelo menos para mostrar a resistencia dos estomagos. Provou-se que o soldado portuguez resiste á fome um bom numero de horas, com uma virtude de camello. lamprêa, o que fez as delicias do generalato e do Zé Povinho.



**As manobras d'outono**

O peor, é que se provou tambem que o Vieira que devia vencer foi vencido, e o Vieira que devia ser vencido, venceu. Uma grande confusão de Vieiras, como se vê,—e de



Vieiras tão parecidos, que voltados para baixo ou para cima, como os reis das cartas de jogar, dão sempre o mesmissimo Vieira



O que resultou, como critica geral das manobras d'outono, foi demonstrar-se cabalmente que os portuguezes nem a brincar podem ser inimigos uns dos outros. Se fosse de lingua, e de má lingua, então é que era ver o que eram inimigos ferozes, inimigos de alinhar, inimigos de escacha pecegheiro, inimigos por dá cá aquella palha,—e que bello generlissimo seria então o sr. Gualdino Gomes, n'essas grandes manobras d'outono da má lingua!



**Physiologia do amer moderno**



Chupa-se... e cospe-se.

(Do Lustige Blätter).

## A DANÇA EM CASCAES



Em tempos que já lá vão, a alta-gomma que dançava, a aristocracia *pourrie de chic*, entrelinha-se nas pavanias magestosas, d'uma lentidão real, nos minuetes subtis, de cabelleira empoada, na dança-arte, na dança-esthesia, léve como um perfume e preciosa como um esmalte velho.



Agora, não senhores. Mudaram os tempos, mudaram os costumes. E como os d'então eram os bons, conclue-se que estamos n'uma verdadeira epocha de máus costumes.

Cascaes, a praia-sport, a praia que deveria dar o *lá* das elegancias, arvorou-se em dictadura suprema, proclamando *cotillons* extravagantes, verdadeiramente *nouveau jeu* em que os *dandies* de moeda forte e fraca se sujeitam aos mais comicos papéis que Deus Nosso Senhor podia ter inventado.

Imaginem os senhores, que se teem f.ito no *Sporting* latinhas de manteiga para *réclame* ao sr. conde da Guarda, sardinhas, fructas, *cotillons* obrigados a vinhos e petiscos, com pirolitos e azeitonas verdadeiras choreographias á *Zé* dos Pacatos, em que as meninas fazem serviço de taberna, e que os galantes aproveitam para matar saudades do *Bitoque* da *Perna de Pau*.



Outros *cotillons* então, são obrigados a hortaliças. Andam os pobres diabos dos elegantes coroados de cenoiras, com nabos e



tomates por toda a sua illustrissima pessoa, repolhudos como os olhos do caricaturista Celso, e abatados como o nariz financeiro do senhor Fuschini.

O *Sporting*, onde suas magestades costumam ir, sagrado por essa assistencia régia, tornou-se de repente n'um imfecto mercado da Praça da Figueira, em que as meninas fazem o triste papel de *collarejas*. . . *malgré soi*.

N'outros *cotillons* ainda, proclama-se a superioridade do papel de seda, e andam os pares (alguns d'elles vitlicos) com collarinhos, grã-crúzes, fachas, punhos, colletes, tudo de papel de seda. . . Delicioso!

Toda a noção esthetica se perdeu, e as meninas da alta, que deviam officiar de pontifical n'este assumpto de bom gosto e de elegancia, são as primeiras a lembrar a hortaliça, os petiscos, e o papel de seda.

Dá vontade de dizer, como o poeta:

«*Où sont les neiges d'antan ?*»

Onde estão os velhos tempos da galanteria, dos punhos de renda e dos bailes estylisados, ó meninas da hortaliça ?



A. L. FREIRE



Com ateliers de gravura e grande estabelecimento de papelaria e officinas de typographia, lithographia e encadernador, fabrica de carimbos e suas machinas, arroszem das letras esmaltadas, retratos a crayon, cutelaria, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1882.  
Telephone 943.  
RUA DO OURO, 158 e 164

## BIBLIOTHECA AMENA

COLLEÇÃO DE ROMANÇOS DOS MELHORES AUCTORES

Publica-se um romance por meç

PREÇO 200 RÉIS

É a empresa que em Portugal offerece melhores e maiores volumes por menos dinheiro

SAHIU O N.º 2

RUTH

Admiravel romance de Laforgue,

tradução de Annibal Passos

Á venda em todas as livrarias e kiosques e em casa do editor: Centro de Publicações

de ARNALDO SOARES

PRAÇA DE D. PEDRO

PORTO

AGENTE EM LISBOA

Livraria 1888 BASTOS

Rua Garrett, 73

## COLISEU DOS RECREIOS

o sucesso da semana



## A PARODIA

O 1.º volume encadernado com a capa especial

Preço 2\$500 réis

Capa para encadernação do 1.º volume

Preço 700 réis

A Administração encarrega-se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos de volume devem vir acompanhados de 200 réis, e de capa, de 40 réis para porte do correio.

# A GRANDE REGATA ELEITORAL



— É escusado correr... Quem ganha sou eu! Velas largas, vento a favor, e bareo feito de proposito... é regata ganha, ali á beirinha!  
 — Bossé se a ganha é por que eu quero, entendeu...? Sem a ajuda dos *Navegantes* queria vêr como vossé lá ia!  
 — Inda ha de ser o que dissérem dois escrivães...! Pode que sim, e pode que não, e pode, por algum caso *estórdinario*, bossé dar com os burrinhos n'agoa!  
 — Pois eu cá sempre metto o bedelho na coisa, porque *inter duos litigantes... tercius gaudet!*